

Artigo

‘A partir de agora, só em inglês’: a epistemologia da ciência na formação em pós-graduação através da linguagem

Matheus Naville Gutierrez¹

Ana de Medeiros Arnt²

¹ Unicamp
matngutierrez@gmail.com

² Unicamp
anaarnt@unicamp.br

Resumo

O estudo teve como objetivo analisar, por meio de uma etnografia em um laboratório de genética no Instituto de Biologia da Unicamp, como a linguagem e o uso do inglês influenciam a formação epistemológica de pós-graduandos. O trabalho foi desenvolvido acompanhando um grupo de pesquisa no decorrer de um ano, observando o uso da linguagem e do idioma. Os resultados indicam que a escolha linguística está associada a padrões internacionais de validação da ciência, reforçando hierarquias e exclusões no acesso e produção do conhecimento. Conclui-se que essa prática molda a formação na pós-graduação, afastando a produção científica de contextos locais.

Palavras-Chave: modelo da pós-graduação; formação científica; cultura e linguagem; universidade

'From now on, only in english': the epistemology of science in postgraduate education through language

Abstract

This study aimed to analyze, through ethnography research in a genetics laboratory at the Institute of Biology at Unicamp, how language and the use of English influence the epistemological ideas of PhD students. The work was developed by following a research group over the course of a year, observing the use of the English language in scientific communication as a scientific goal. The results indicate that this linguistic choice is associated with international standards of scientific validation, reinforcing hierarchies and exclusions in access to and production of scientific knowledge. The study concludes that this practice shapes graduate education, distancing scientific production from local contexts.

Keywords: graduate model; scientific training; culture and language; university

1. Introdução

Esse artigo é o resultado de uma pesquisa etnográfica, com bases analíticas da antropologia da ciência, em que se observou o trabalho e o cotidiano de um laboratório de pesquisa do Instituto de Biologia da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. O principal objetivo do trabalho foi compreender a formação de sujeitos na pós-graduação *stricto sensu* em genética, percorrendo a trajetória de mestres, doutores e futuros docentes universitários por meio de um laboratório desta área. Porém, as nuances e as interconexões observadas ao longo de um ano permitiram algumas experiências inesperadas, que não estavam na ideia inicial das hipóteses da pesquisa, criando assim ramificações analíticas inspiradoras. A questão-chave que motivou esta produção foi a formação do sujeito na pós-graduação, especificamente pela linguagem e na escolha de idioma para certas situações específicas. A pesquisa foi desenvolvida no Brasil, acompanhando pesquisadores em um laboratório de genética de uma grande universidade brasileira – algo que não deveria causar tanta estranheza e distanciamento, considerando minha formação em Ciências Biológicas. Contudo, além das terminologias e palavras próprias da área da genética, o próprio idioma do ambiente formal causou estranheza. No cotidiano, nos corredores, na copa tomando café, no grupo de mensagens, o idioma era português. Porém, iniciava-se as reuniões semanais do grupo e as apresentações de artigos e de resultados, mudava-se para o uso do inglês. Por que, para falar de ciência nesses espaços formalizados, se fala em inglês? Nesse sentido, o objetivo deste artigo é compreender os direcionamentos da comunicação dentro de um laboratório de genética no Instituto de Biologia da Unicamp, considerando a interconexão linguística na formação epistemológica desses sujeitos através da experiência em laboratório.

2. Caminhos auto formativos metodológicos

O primeiro ponto abordado foi quanto às formas escolhidas para descrever o trabalho e as diretrizes metodológicas decorrentes dessas escolhas. O artigo é parte de um trabalho de doutorado, que foi uma pesquisa etnográfica sobre a formação em pós-graduação em um programa de Ciências Biológicas vinculado ao Instituto de Biologia da Unicamp. O projeto foi validado e aprovado pelo comitê de ética local, possibilitando assim a descrição das atividades preservando a identidade dos sujeitos observados.

No decorrer de um ano, o pesquisador acompanhou o trabalho cotidiano do laboratório e do grupo de pesquisa, participando de defesas de teses e dissertações, reuniões semanais sobre andamento dos experimentos e discussões de artigos, diálogos cotidianos nos corredores e espaços de convivência, e também um congresso científico interno do programa de pós-graduação.

O pesquisador em questão, desenvolvendo sua pesquisa etnográfica, enfrentava certas barreiras e inseguranças sobre o desenvolvimento dessa observação. Apesar de não atuar na mesma área específica de pesquisa, a formação inicial em Ciências Biológicas poderia contribuir para a ambientação no espaço laboratorial e nos diálogos cotidianos.

Contudo, as primeiras experiências se provaram o completo oposto. Apesar de realizar o trabalho etnográfico no Instituto que já frequentava diariamente, parecia que entrar no laboratório era ingressar em um mundo completamente novo. O mundano, de pessoas que

já tinha visto entrando e saindo do prédio, tomando café e comendo na cantina e carregando caixas e amostras por aí, parecia viver uma vida completamente nova, organizada de maneiras próprias e determinadas.

Foi justamente a partir desse sentimento que a proposta metodológica começou a se desenhar. A etnografia clássica, como metodologia de pesquisa, surge para criar o outro, o estranho, e adequar certas observações culturais em um discurso de normalidade científica, considerando sempre a história e posição social, econômica e étnico-racial de quem pesquisa. É a ideia de que o 'mundo de lá' só existe e só pode ser compreendido porque 'eu estava lá' enquanto pesquisador etnográfico (Clifford, 2011). Porém, a proposta desenvolvida nesse trabalho inverter completamente esse discurso, observando as estranhezas do mundano e 'normal'.

O rótulo etnográfico sugere uma característica atitude de observação participante entre os artefatos de uma realidade cultural tornada estranha. [...] Sua atitude, embora comparável àquela do pesquisador de campo, que tenta tornar compreensível o não familiar, tendia a trabalhar no sentido inverso, fazendo o familiar se tornar estranho. O contraste é de fato gerado por um jogo contínuo entre o familiar e o estranho, do qual a etnografia e o surrealismo eram dois elementos. Este jogo é constitutivo da moderna situação cultural que estou tomando como base de meu estudo. (Clifford, 2011, p. 125)

Essa perspectiva de estranhar a normalidade, de buscar naquilo que é familiar e bem estabelecido, a análise etnográfica correlaciona-se diretamente com a trajetória deste trabalho. A vida acadêmica e a produção científica, tão bem estruturadas e normalizadas, de nada pareciam ser passíveis de observação crítica. Mas a análise de um pós-graduando sobre o desenvolvimento formativo dentro da trajetória da pós-graduação estabelece uma correlação direta com a base etnográfica estabelecida por James Clifford (2011) e também com idealizações metodológicas dos estudos culturais sobre a formação do sujeito (Ribeiro; Lobato, 2019). Nesse sentido, cabe compreender os processos discursivos como parte fundamental da formação dos sujeitos.

Portanto, esse trabalho a descrição de um cotidiano comum para alguém que vivencia a produção científica da pós-graduação diariamente, convivendo com pessoas e com a cultura científica constantemente, e que, durante essa observação duradoura, percebeu questões passíveis de análise crítica e que merecem a devida atenção acadêmica antropológica. Justamente, pensar quais as escolhas e os caminhos formativos, como esses sujeitos escolhem as formas de se comunicar, e ainda como a ciência deve ser comunicada são elementos fundamentais para entender a trajetória da produção científica da pós-graduação.

3. 'A partir de agora, só em inglês, pessoal'

A experiência etnográfica iniciou com um diálogo com o docente responsável pelo grupo de pesquisa que eu iria acompanhar. A temática centralizadora do grupo que acompanhei é a pesquisa em biologia do envelhecimento, seus processos metabólicos, celulares, moleculares e as possibilidades de intervenções médicas na tentativa de retardar o envelhecimento. Logo

no primeiro contato, o docente orientador comentou que, para além do cotidiano de experimentos e da vida no laboratório, o grupo também realizava reuniões semanais, com objetivo de apresentar resultados recentes dos pós-graduandos e para discutir artigos recém-publicados nos principais periódicos da área. O orientador, a figura centralizadora de todas as pesquisas, é um homem branco, com diversas experiências científicas e contatos de pesquisa no exterior, que coordena um grupo grande e rotativo no cotidiano, dificultando a contagem de todos os pós-graduandos que ele orienta. decorrer do ano, em diferentes níveis de participação nas reuniões e no cotidiano geral, pude contar 5 pós-doutorandos, 5 doutorandos, 3 mestrandos, 2 estudantes de iniciação científica, e uma técnica do laboratório.

O grupo era bem dividido em relação ao gênero, com proporção equitativa entre homens e mulheres. A idade dos membros não apresentava uma diferença muito grande, o que sugeria que a maioria havia seguido a carreira acadêmica logo após a conclusão do curso de graduação, mantendo uma média possível entre 25 e 35 anos de idade.

Semanalmente, toda segunda-feira, às nove horas da manhã, os membros do grupo que estavam disponíveis presencialmente – sem experimentos urgentes ou em experiências em outras universidades participavam desta reunião. Era um dos principais momentos de troca e aprendizado coletivo do grupo, que possibilitava que membros do grupo dialogassem e compartilhassem experiências durante toda a manhã, das conversas informais antes da reunião começar até as organizações logo após o fim dela. Alguns pós-graduandos dedicavam a semana inteira para projetos e experimentos para o desenvolvimento de suas teses, isolando-se do restante do grupo. Nesse sentido, a reunião era um momento em que as pessoas compartilhavam a presença que poderia ter sido negada no decorrer da semana. As reuniões, apesar de não existir nenhuma especificação de sua obrigatoriedade, eram consideradas prioritárias para os membros do grupo, que sempre tentavam participar delas.

As reuniões eram organizadas em dois formatos, com objetivos próprios: apresentação sobre o que os membros estavam desenvolvendo, seja um projeto de pesquisa que iriam iniciar, atualizações sobre técnicas e/ou metodologias empregadas para os experimentos e, também, análise e discussão de resultados recentes. O outro formato de reunião era para debater artigos científicos relevantes para a área, de diversos periódicos de alto impacto internacional. Nessas reuniões, a dinâmica funcionava de modo que cada membro era responsável por uma revista de alto impacto acadêmico; esta pessoa escolhia um artigo e apresentava os principais pontos para todos os presentes de forma breve, em uma média de 10 minutos por apresentação. Essas reuniões eram chamadas de reuniões de *'highlights'*.

A primeira reunião que acompanhei no processo etnográfico, no início de fevereiro de 2023, contava com 13 pessoas presentes. A reunião foi conduzida em uma sala específica para reuniões em um prédio diferente de onde estava situado o laboratório principal do grupo de pesquisa. As reuniões aconteciam, no primeiro semestre, sempre na mesma sala. Era uma sala com uma mesa central, bebedouro, geladeira, televisão, lousa, e cadeiras insuficientes para todos os membros, que buscavam nos arredores mais cadeiras para conseguir participar da reunião confortavelmente. retangular, alongada e relativamente grande, a mesa era insuficiente para que todos ficassem acomodados ao redor para a participação na reunião, fazendo com que membros do grupo ficassem mais próximos do espaço reservado para a geladeira, sentados em banquetas.

Como estava iniciando a minha participação e para não gerar estranhamento com as pessoas com quem ainda não tinha interagido, o professor propôs uma rodada de apresentações,

falando o nome, qual o nível de pós-graduação que estava cursando, e uma breve fala sobre o projeto que realizava no laboratório. O estranhamento que uma pesquisa etnográfica pode causar naqueles que são observados foi rapidamente superado.

As expectativas de normalidade e compreensão que me acompanhavam começaram a se esvaecer no momento que a rodada de apresentação iniciou, com a própria fala do docente. Apesar de conhecer o funcionamento de um grupo de pesquisa, das entranhas da pós-graduação e do processo de formar-se como mestre e doutor, a linguagem apresentou um estranhamento.

E este estranhamento já pode ser escancarado justamente na primeira reunião que participei. Antes de a reunião iniciar, entre os pós-graduandos que aguardavam o início oficial da reunião, vários diálogos paralelos entre os membros tomavam conta da sala, todos acontecendo em português, com certa informalidade comum entre colegas. Quando o docente pediu a atenção de todos e propôs o início oficial da reunião, o idioma também foi alterado, obrigando todos os presentes a falar na língua inglesa. A escolha e imposição linguística, inicialmente, foi justificada pela presença de um intercambista na reunião que não compreendia a língua portuguesa, oficial do Brasil.

Me pareceu justo e bastante inclusivo da parte do grupo alterar toda a linguagem para que este membro conseguisse participar e contribuir ativamente na reunião. Como tive a possibilidade na minha trajetória pessoal de aprender a língua inglesa, isto não foi um problema. Ouvi atentamente aquelas apresentações que, além do inglês como dificultador, também havia uma quantidade gigantesca de terminologias específicas sobre as células que estudavam, as técnicas e as formas de analisar os resultados. Falei sobre o meu projeto, expliquei por que estaria acompanhando-os, e se tivessem dúvidas ou se se incomodassem com a minha presença, poderiam sempre conversar comigo.

Contudo, o estudante estrangeiro deixou de frequentar logo na reunião seguinte, mas o idioma das apresentações e discussões sendo o inglês. De fato, foi marcante que a escolha da língua inglesa não era unicamente pela presença de um estrangeiro, mas algo naturalizado como necessário e fundamental para o desenvolvimento científico. Quantitativamente, de todas as vinte e cinco reuniões do grupo de pesquisa, todas foram em inglês. Antes do início das reuniões, papos descontraídos e leves entre os pós-graduandos eram todos em português e, após as reuniões, as conversas sobre as organizações internas de uso de equipamentos, reagentes e espaços, programações e experimentos que precisavam ser cumpridos, também em português. Algumas vezes, antes de iniciar a reunião, o orientador solicitava que todos comesçassem a falar em inglês: 'a partir de agora, só em inglês, pessoal'.

O uso do idioma específico já está desde a organização das reuniões. A escolha para discutir artigos científicos de alto impacto dos principais periódicos já direciona esse processo formativo para o inglês, já que os próprios artigos são também publicados nesse mesmo idioma.

Essa questão ficava evidente também como parte do processo formativo para o acesso à pós-graduação. Em uma reunião dedicada à discussão de resultados individuais, uma pesquisadora de iniciação científica, fazendo sua primeira apresentação formal de projeto para o grupo de pesquisa, dá início à sua fala com a seguinte marcação: "*Sorry for my portuguese data*", desculpando-se porque os slides e os resultados iniciais estavam todos em português, além de apresentar clara dificuldade em expressar o projeto na língua inglesa. Após o término da apresentação, o grupo decidiu discutir os dados que ela apresentou em português também, dando sinais de acolhimento e de apoio para a pesquisadora.

Também durante a observação etnográfica, o professor responsável desenvolveu um minicurso dentro das reuniões do grupo de pesquisa focando no aprimoramento da escrita de artigos pelos estudantes, como ser mais eficiente no processo de escrita e em que aspectos focar ao produzir resultados para os periódicos científicos. Esse minicurso consistia em aulas de duração reduzida sobre a escrita científica, de um docente universitário brasileiro, para pós-graduandos brasileiros, em uma universidade brasileira, mas conduzida totalmente em inglês.

O que se mostrou evidente por meio dessa perspectiva etnográfica é que o inglês é o idioma oficial da ciência. Apesar de muitos espaços importantes para a formação dos sujeitos e da produção científica permanecerem em português e contribuírem para o processo descrito, o direcionamento formalizado é em inglês. A formalização da ciência enquanto possibilidade de construção e de validação dos seus processos produtivos se dá pelo uso do inglês.

Para conferir importância, relevância, seriedade, objetividade e valor, o uso da língua inglesa é visto como essencial. Principalmente porque o idioma é empregado em situações em que se considera partes fundamentais da formação e dos resultados científicos, como na escrita de artigos para periódicos, em reuniões de grupo de pesquisa, em congressos acadêmicos da área, na representação dos dados coletados e dos resultados analisados em gráficos, que têm todas as suas legendas em inglês. O cotidiano, as conversas, a organização interpessoal do uso do espaço, o papo descontraído e leve do dia a dia, todos seguindo a língua local. Mas a ciência, em seu espaço próprio de relevância, necessariamente precisa ser em inglês.

Esse fenômeno e suas implicações não são novos dentro dos escritos acadêmicos. Historicamente, é possível delinear e pontuar os processos que resultaram nesta naturalização da homogeneização linguística nos meios científicos e acadêmicos.

4. O idioma da formalização da ciência

Ao analisar a produção científica acadêmica em um processo histórico de formação e consolidação, nota-se a estruturação em uma perspectiva majoritariamente tomada pela hegemonia de força europeia. Esse processo dita e impõe regras culturais, epistemológicas e idiomáticas sobre as formas de validação do conhecimento academicamente produzido (Medina, 2025). A perspectiva histórica, nesse sentido, atravessa primeiro as idealizações coloniais europeias, e posteriormente se firma nas estruturas imperialistas estadunidenses. Nesse sentido, o direcionamento linguístico atravessou inicialmente idealizações idiomáticas europeias.

Entre 1880 e 1910, o inglês, o francês e o alemão tinham uma importância bastante idêntica como línguas da ciência, embora a distribuição por disciplinas deixasse o alemão como essencial na medicina, biologia ou química; o francês para o direito ou as ciências políticas, e o inglês para a economia política ou a geologia. O alemão, no entanto, sofreu durante o primeiro terço do Século XX o boicote de muitos países após a Primeira Guerra Mundial, que foi posteriormente ampliado com o nazismo, enquanto por outro lado a ascensão dos Estados Unidos, a centralidade global das suas indústrias culturais, o poder das suas universidades — principalmente

após a destruição e a lenta recuperação do tecido científico europeu na Segunda Guerra Mundial — e a importância da sua política científica acabaram por configurar um novo espaço geopolítico predominantemente anglófono em muitos campos de atividade, incluindo o científico. (Badillo, 2021, p. 58)

Toda a rede de força geopolítica internacional imperialista e de imposição sociocultural que os Estados Unidos da América empregaram no decorrer do século XX resultou na consolidação do inglês como essa obrigatoriedade linguística. O direcionamento central é que a produção do conhecimento só poderia entrar na perspectiva de valor se acontecesse com o aval estadunidense, fosse de maneira direta ou indireta. As universidades e instituições de ensino estadunidenses deixam de ensinar outros idiomas na grade comum para que o mundo lesse, falasse e se comunicasse em inglês (Badillo, 2021). O idioma neutro do mundo, e consequentemente o da produção e da discussão científica, tornou-se o inglês.

O próprio meio acadêmico e científico tradicional das ciências “duras”, como a genética, observou esse processo unificador e generalizador com bons olhos (Santin; Vanz; Stumpf, 2015). A comunicação era facilitada; a compreensão dos processos, das metodologias e da análise se comunicavam diretamente, sem a necessidade de traduções constantes que serviam como barreiras para os cientistas. Para a produção científica em genética padronizada internacionalmente, esse processo tem elementos considerados positivos. Porém, é possível questionar justamente quais os objetivos da produção científica, considerando o ambiente sociocultural latino-americano universitário e de formação do quadro de mestres e doutores?

Nesse sentido, é importante colocar em foco o principal elemento avaliativo da produção científica, que estava sempre em pauta nas reuniões e no cotidiano laboratorial: o artigo científico. Cabe assim trazer uma discussão sobre a importância e relevância do artigo científico na formação dos pós-graduandos no contexto brasileiro. Em todas as reuniões do grupo de pesquisa, o artigo científico era sempre o ponto de convergência dos debates, fosse em como elaborar resultados, analisar e debater publicações de periódicos de alto impacto e posteriormente produzir um artigo. Desse modo, a questão da escolha de se falar em inglês nos ambientes formalizados de discussão está diretamente correlacionada com a necessidade de se produzir cientificamente.

Esse debate atravessa uma rede complexa de fatores que determinaram a importância do artigo, e a obrigatoriedade de ele ser em inglês. Primeiramente, essa questão atravessa as pressões produtivistas dos espaços acadêmicos universitários. A escolha do foco na língua inglesa não está unicamente em uma decisão local, em que o orientador do grupo de pesquisa decidiu a obrigatoriedade do inglês e essa escolha refletiu apenas no processo formativo dos pós-graduandos da Unicamp. Além da rede de produção acadêmica globalizada e especializada em suas áreas, os acadêmicos também sofrem a pressão de agências de fomento e das regulações governamentais sobre como a produção científica deve ser realizada. A provocação que quero trazer é justamente uma contradição ao observado no processo etnográfico: Poderiam então esses pós-graduandos, esse docente universitário, esses intelectuais, produzir e publicar em outro idioma, que não o inglês?

O ponto a ser analisado nesta pergunta específica pode ser aprofundado através da análise da nota de avaliação do programa de pós-graduação. Eu estava observando membros de um

programa de nota 7 da CAPES, o mais alto possível pelos critérios da CAPES. A única forma de receber a nota 7 é atingindo o conceito “muito bom”, o mais alto estabelecido pelos critérios de avaliação (CAPES, 2021). Os itens avaliados são separados em três grandes blocos: Programa, Formação e Impacto na sociedade.

Resumidamente, no critério programa, são avaliadas adequações do corpo docente e discente e suas produções com os objetivos, metas e estruturas do programa. No item formação, a avaliação foca em qualidade da produção intelectual, pesquisas, atuação dos egressos e publicações de alto impacto. No item impacto na sociedade, os critérios avaliativos são o impacto inovador, econômico, social e cultural no programa. Porém, especificamente para a área das Ciências Biológicas, em que este processo etnográfico estava inserido -, a CAPES utiliza da seguinte argumentação:

Como a área CB1 (Ciências Biológicas 1) tem um perfil muito acadêmico, a valorização de impacto de produção acadêmica foi incluída como critério de impacto social. Os parâmetros 3.1.1. (publicação em revistas de alto impacto) e 3.1.2. (citação ponderada) foram muito interessantes e permitem uma discriminação de programas com internacionalização de forma clara. No entanto, para a obtenção de dados de qualidade no item 3.1.2 a CAPES deve fazer esforços de exigir o ORCID dos docentes dos programas. Isso se faz regularmente em submissões em boas revistas científicas e vai ampliar a capacidade de obter os dados de produção desses docentes. [...] No item 3.2 (impacto econômico, social e cultural do programa) pode ser incluído um subitem no qual os docentes selecionarão um número fixo (dependendo do número de docentes no programa) de artigos em periódicos (tendo discentes ou egressos como coautores) com alto fator de impacto ou com claro importância aplicada para a sociedade. Os artigos em periódicos a serem mencionados devem incluir apenas aqueles em que os discentes são primeiro autores e o orientador seja autor correspondente. A divulgação dos programas através de site web deve apenas ser mencionada através o link ao site (CAPES, 2021, p. 6-7)

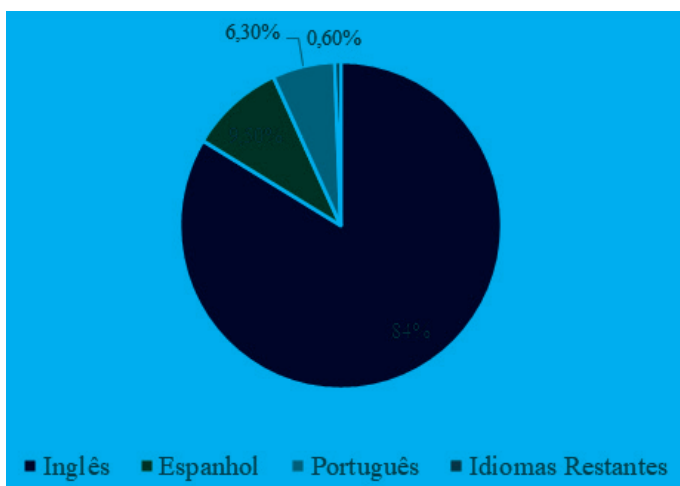
O que se mostra neste trecho do relatório de avaliação dos programas de pós-graduação da área das Ciências Biológicas é que o interesse sempre se volta para uma questão específica, que é a inserção nesses espaços de alto impacto, que são, consequentemente, internacionais. A estruturação política do principal órgão de organização da produção científica brasileira já dita que, para o programa ser relevante, ter financiamento e bolsas para os discentes produzirem e permanecerem na pós-graduação, o idioma da ciência é obrigatoriamente o inglês, obedecendo à lógica historicamente construída no meio acadêmico internacional de publicar ou perecer (Alcadipani, 2017).

Porém, novamente escapando de respostas teleológicas, esses critérios são estabelecidos por outros acadêmicos da mesma área, que atuam e compreendem a produção científica de certo modo que deve ser objetivada e necessita seguir um certo padrão para comunicar-se com outros cientistas de outros países, que não necessariamente o Brasil ou outros da América Latina. Esses critérios apenas mostram que as relações da produção científica estão interconectadas de um modo para construir um aspecto de validação e de compartimentalização que proporcionam certa hierarquização do conhecimento científico (Latour, 2011, 2017).

Ainda assim, nem só a CAPES, nem só os programas de pós-graduação, nem só os docentes e pós-graduandos, mas essa rede complexa que direciona o foco unicamente em publicações, relevância e legitimidade, que ditam as imposições dos costumes, no cotidiano, nas relações culturais e na episteme da ciência. Desse modo, o direcionamento geral da produção científica se enraizou no uso da língua inglesa como padrão universal. O acúmulo de capital científico se coloca também em fator como parte da hierarquização do conhecimento e da estruturação da pós-graduação enquanto espaço de produção científica (Corrêa; Ribeiro, 2013).

Esse processo unificador idiomático tomou uma proporção única para o meio acadêmico. Independentemente do local em que se produz cientificamente, assumiu-se o papel do uso de uma única língua como parte da formação dos sujeitos e da produção acadêmica. Essa questão fica evidente ao analisarmos a produção científica nos países da América Latina. Esses dados podem ser observados através do gráfico abaixo:

Figura 1 - Idiomas de publicação de textos científicos na *Web of Science* oriundos da América Latina em 2020 (Badillo, 2021)



Fonte: Badillo, (2021).

Como se pode observar na figura 1, a maioria dos artigos publicados em periódicos escritos na área da saúde, produzidos por universidades da América Latina, é em inglês. Este dado pode ser extrapolado para qualquer região do planeta em que os dados sejam similares (Badillo, 2021), mostrando que o inglês é predominante por uma larga margem como a língua da escrita e da comunicação acadêmica interna da área da saúde. Esses dados podem também ser vistos em outras áreas da biologia, como na conservação e na ecologia, que os artigos são cerca de 65% escritos em inglês (Amano; González-Varo; Sutherland, 2016).

Assim, a análise sobre a escolha e o uso do inglês nos ambientes formalizados no laboratório em que eu estava inserido em um contexto latino-americano (García-Deister, 2025) deve partir para uma perspectiva formativa. É evidente que a formação do sujeito e da produção científica acontece também nos momentos de ruptura, nas conversas informais, no

cotidiano laboratorial (Latour, 2011; Latour; Woolgar, 1997). Uma das perspectivas mais marcantes foi justamente a alteração na percepção, na importância e no valor atribuído aos dados e informações compartilhadas nas diferentes línguas: a construção do conhecimento científico em português carregava leveza nas falas, compartilhando principalmente organizações logísticas, informações de reagentes e limpeza do biotério, questões fundamentais para a fabricação do conhecimento científico. Enquanto na língua inglesa, o valor ingressava a perspectiva hierárquica que o conhecimento científico carrega enquanto formação e elaboração própria. Ambas são fundamentais para que os pós-graduandos se formem e consigam produzir ciência, mas cada idioma carregava elementos formativos específicos.

Desse modo, a pressão formativa que os pós-graduandos sentiam era que o inglês seja predominante, principalmente nos espaços formais de discussão dos resultados e dos artigos científicos, como as reuniões semanais e os diálogos com o docente. Nesse sentido, a perspectiva que cabe refletir é como essa pressão pelo uso do inglês para a formalização da produção em genética direciona a formação dos sujeitos na pós-graduação *stricto sensu*?

Nas observações desenvolvidas na etnografia no decorrer de um ano, uma questão ficou clara sobre a formação dos pós-graduandos, sobre o progresso do uso do inglês, sua habilidade e conforto como parte formalizada da discussão científica. A estudante de iniciação científica, que tinha ingressado recentemente no grupo de pesquisa e ainda estava se graduando no curso de bacharelado em Ciências Biológicas, apresentava claros sinais de desconforto com a obrigatoriedade do inglês, retomando constantemente o desejo de se comunicar com os colegas em português. Ela estava inserida nos ambientes amigáveis do laboratório, tinha bom relacionamento com os pós-graduandos e com o docente, e eles davam sinais de incentivo e apoio para essa estudante durante sua apresentação. No cotidiano, existia um incentivo para que ela aprendesse a usar os equipamentos, organizar o biotério, entender os protocolos dos experimentos, vivenciar as práticas típicas da vida nesse laboratório. Uma dessas práticas é saber falar e se comunicar cientificamente em inglês.

Os sinais de desconforto persistiam em apresentações de mestrandos, que já apresentavam certa habilidade com a terminologia e com o uso da língua inglesa como principal idioma dos resultados dos experimentos e dos artigos científicos. E os pós-doutorandos, com anos de experiência formativa nas práticas científicas, comunicavam os seus resultados, perguntavam e argumentavam em inglês com muita naturalidade. Nesse sentido, para evitar o processo de exclusão dentro de determinadas práticas acadêmicas, os pós-graduandos atravessavam uma formação persistente sobre a obrigatoriedade de saber o inglês e como esse idioma deveria estar nos espaços institucionais e formalizados de discussão sobre resultados e artigos científicos. Nesse sentido, o processo formativo na pós-graduação estabelece normas sobre como a estrutura do conhecimento e seus objetivos serão trabalhados (Freitas; Souza, 2018). Esse processo está diretamente correlacionado com a escolha do inglês como idioma oficial da ciência. E, conforme o debate de Jorge Larrosa, esse processo também pode promover exclusão de sujeitos nessa formação:

Se uma língua é um dispositivo de acolhida e de pertinência, também é um dispositivo de repúdio e de exclusão: daqueles que não dominam, que não a aceitam, que nela não se sentem à vontade, que não a usam, que não se submetem a suas regras, que não obedecem a seus imperativos. (Larrosa, 2019, p. 60)

Desse modo, cabe reforçar o objetivo traçado nesse trabalho, sobre a formação através da pós-graduação em genética. Existem diversos debates que atravessam os estudos sociais da ciência, que compreendem certas complexidades da produção científica e a interconexão social, política e histórica, atuando nas diferentes rupturas hegemônicas do discurso acadêmico (García-Deister, 2025; Medina, 2025). Contudo, a observação etnográfica neste laboratório de genética mostrou um reforço de perspectivas tradicionais e hegemônicas, principalmente quando apresentadas em tons de formalidade e legitimidade. Enquanto se debatiam resultados, gráficos, artigos e experimentos na reunião, em inglês, a perspectiva científica que atravessava o discurso dos pós-graduandos reforçava um tradicionalismo científico neutro e isolado, por mais que as práticas tivessem outras complexidades. Os sujeitos que produziam ciência nesse espaço acadêmico reforçavam ideais de legitimidade científica que obedeciam a perspectivas tradicionais, sendo uma delas o uso da língua inglesa. Diversos elementos característicos do tradicionalismo da produção científica se reforçavam na formalidade do uso da língua inglesa, e é esse fator que atravessava a formação desses sujeitos. A língua inglesa, a produção científica e o tradicionalismo epistêmico se entrelaçavam em um nó difícil de separar. Logo, cabe entrar numa discussão que busca aprofundar-se nos fios encontrados nesse nó descrito.

Nesse sentido, creio que esta questão idiomática é parte de uma análise de diversos fatores criados no meio acadêmico para inicialmente criar neutralidade e objetividade, mas que possibilitam muito mais uma genética que busca, de forma sutil e intencional, uma legitimidade pelas relações de poder e controle. “*Os aparatos de produção, legitimação e controle do conhecimento são, indistintamente, aparatos de produção, legitimação e controle de certas linguagens*” (Larrosa, 2019, p. 60).

Essa perspectiva formativa possibilita a concretização da ciência como uma caixa-preta que cria seus fatores de autodeterminação enquanto conhecimento válido e que se insere no âmbito discursivo como verdade (Latour, 2011, 2017). Os fatores próprios da produção acadêmica estabelecem uma determinação excludente, em que a linguagem e o idioma tornam-se elementos explícitos da possibilidade de quem pode produzir e quem pode acessar as produções científicas locais. O direcionamento da produção científica está diretamente adequado para responder aos padrões e as obrigações estadunidenses, em uma rede que se retroalimenta e se autodefende. Apesar da existência de rupturas locais na produção e na interpretação científica, a estrutura do fomento e do prestígio acadêmico atravessa a necessidade de responder a esses interesses produtivistas.

Logo, a questão não se limita unicamente ao uso da linguagem e do idioma, mas também em como esse fator se correlaciona com uma perspectiva epistemológica da produção científica, que se insere no contexto da escolha do inglês como idioma dos espaços formalizados. A lógica de que se pode produzir cientificamente através de uma linguagem universal, que pode construir conhecimento generalizado de tudo, como se a ciência possuísse uma visão descorporificada do mundo que possibilita a determinação do discurso sobre verdade é reforçada nessa idealização de uma linguagem que pode ser sempre o inglês (Haraway, 2023). A busca de uma objetividade da visão sem limites, sem corpo, se aproveita apenas das determinações da linguagem que é garantida pelos próprios critérios para ditar o que determinar como válido e verdadeiro. Desse modo, a linguagem cumpre um papel fundamental no estabelecimento de critérios, valores e diretrizes sobre o conhecimento científico, garantido pela perspectiva da visão sem corpo.

Busca-se, também pela linguagem, criar essa objetividade, esse discurso é constantemente pasteurizado. Nesse sentido, a formação em pós-graduação *stricto sensu*, em seu formato

de produção e suas escolhas de linguagem, também cria um perfil que prioriza aqueles que conseguem produzir e que estão historicamente ocultos nesse discurso descorporificado – homens brancos e europeus (Haraway, 2023; Ortega; Ortega; Ortega, 2024; Stengers, 2023).

O que quero dizer é que, quando leio o que circula por essas redes de comunicação ou ouço o que se diz nesses encontros de especialistas, a maioria das vezes tenho a impressão de que aí funciona uma espécie de língua de ninguém, uma língua neutra e neutralizada da qual se apagou qualquer marca subjetiva. Então o que me acontece é que me dá uma vontade de levantar a mão e de perguntar “há alguém aí?”. Além disso, sinto também que essa língua não se dirige a ninguém, que constrói um leitor ou um ouvinte totalmente abstrato e impessoal. Uma língua sem sujeito só pode ser a língua de uns sujeitos sem língua. (Larrosa, 2019, p. 59).

É justamente nesta organização de neutralidade que se fixam as relações de poder do conhecimento e da intelectualidade, garantindo o caráter subjetivo de hierarquização daquilo que se produz e, conseqüentemente, se exclui. Desse modo, o processo da escolha do inglês como parte essencial da produção científica está diretamente correlacionado à epistemologia científica que exclui corpos e que tenta se colocar como visão sem local (Haraway, 2023).

Porém, a estruturação histórica da produção científica acadêmica de busca de legitimidade para uma episteme única faz com que o pensamento seja: “eu, que preciso de modos para que meu conhecimento seja aceito, o farei através de uma linguagem específica e de um idioma que não seja o do meu país”. A questão se direciona muito mais à busca de uma legitimidade enquanto conhecimento, e, conseqüentemente, se emaranhar nessa rede de poder, que finca seu status de ciência.

As questões a colocar são: que tipo de saber vocês querem desqualificar no momento em que vocês dizem “é uma ciência”? Que sujeito falante, que sujeito de experiência ou de saber vocês querem “menorizar” quando dizem: “Eu que formulo esse discurso, enuncio um discurso científico e sou um cientista”? Qual vanguarda teórico-política vocês querem entronizar para separá-la de todas as numerosas, circulantes e descontínuas formas de saber? Quando vejo seus esforços para estabelecer que o marxismo é uma ciência, não os vejo na verdade demonstrando que o marxismo tem uma estrutura racional e que, portanto, suas proposições relevam procedimentos de verificação. Vejo-os atribuindo ao discurso marxista e àqueles que os detêm efeitos de poder que o Ocidente, a partir da Idade Média, atribuiu à ciência e reservou àqueles que formulam um discurso científico. (Foucault, 2021, p. 269).

Aqui, novamente, estabelece-se uma relação direta com a discussão de Donna Haraway, em que se sinaliza a questão da neutralidade da objetividade e da visão descorporificada como algo problemático e questionável. A elevação de um conhecimento para o panteão da ciência não é simplesmente colocá-lo como algo racional, empírico, metodológico e verdadeiro, mas dentro de uma estrutura de poder que descaracteriza diversos elementos sociais, políticos, históricos e econômicos. Ao questionar o que se deixa de fora quando se estabelece que uma organização de conhecimentos pode utilizar da terminologia “ciência”, nota-se que o objetivo da produção

científica é estar neste patamar, é se colocar enquanto estrutura de poder. Organizações internas da CAPES, linguagem, estruturação do docente, produção acadêmica laboratorial, todas são voltadas especificamente para a sua legitimidade, criadas historicamente pela linguagem, pelas relações de poder de exclusão de saberes culturais e étnicos. Nesse sentido também a produção científica constrói um ideal que ignora as possibilidades dialógicas da ciência internamente no próprio país, ou na região da América Latina. A produção científica obedece unicamente ao que é estabelecido como critério pelos periódicos internacionais, ignorando o potencial formativo social, cultural e político que a produção científica pode ter (Fortes, 2016).

Mas não são visões extracorpóreas que possibilitam a resposta de tudo pela objetividade e empirismo, mas pessoas, pós-graduandos, possíveis docentes universitários, intelectuais. Por isso, direciono a pergunta: como essa questão da linguagem interfere diretamente na formação do cientista, pós-graduando, intelectual?

Primeiramente, me parece prudente reforçar que analisar a partir do empírico é fundamental para a construção séria do conhecimento científico. Sem os experimentos e a base empírica, não é possível produzir ciência. A questão que esse trabalho busca analisar não é essa. A questão sobre a qual é necessário refletir é: por que se espera tanto que a ciência utilize unicamente o empírico? É possível que a ciência seja produzida sem cientistas, sujeitos marcados, localizados, com discursos históricos, políticos e sociais próprios?

É evidente que a materialidade e o empírico existem, e que eles não precisam ser ditos, escritos ou estruturados para continuar existindo. Não é quando enunciamos as coisas que elas começam a existir. Mas o empírico só entra no domínio do conhecimento ao ser estruturado em uma perspectiva linguística, que carrega elementos históricos, políticos, sociais, étnico-raciais, de gênero e de classe. Stuart Hall apresenta essa conceituação de forma muito didática:

Os objetos não existem no mundo independentemente da linguagem que utilizamos para descrevê-los? Num sentido, é óbvio que sim. Para voltarmos ao exemplo familiar discutido anteriormente: uma pedra ainda existe a despeito de nossas descrições dela. Entretanto, a identificação que fazemos da mesma como “pedra” só é possível devido a uma forma particular de classificar os objetos e de atribuir significado aos mesmos (isto é, a palavra pedra vista como parte de um sistema de classificação que diferencia pedra de ferro, madeira, etc.; ou, por outro lado, num sistema de classificação diferente – a pedra, em oposição ao penedo, rocha, seixo, etc.). Os objetos certamente existem também fora destes sistemas de significação (cada qual dando um significado diferente a mesma coisa, a “pedra”); os objetos certamente existem, mas eles não podem ser definidos como “pedras”, ou como qualquer outra coisa, a não ser que haja uma linguagem ou sistema de significação capaz de classificá-los dessa forma, dando-lhes um sentido, ao distingui-los de outros objetos. (Hall, 2017, p. 28)

Dentro desta mesma perspectiva teórica referencial, em que a compreensão do empírico, do natural, do científico, precisa ser atravessada pela linguagem e consequentemente pelos sujeitos, pode-se também aprofundar a compreensão para a questão da formação de sujeitos através da produção científica e das escolhas linguísticas para os pós-graduandos que atravessam esse processo.

Nesse sentido, a questão do uso do inglês adiciona uma camada própria para a formação do sujeito e do conhecimento científico que é proposto pela pós-graduação e pelos padrões assim estabelecidos. O conhecimento só é validado se atravessado pelos processos da linguagem que constituem os sujeitos. Desse modo, quando se escolhe o inglês como língua dos espaços formalizados da produção científica, além de estabelecer padrões excludentes para a população de um país latino-americano que tem o português como língua oficial, cria-se uma idealização epistemológica de que só existe ciência em inglês. O português, o espanhol ou qualquer outra língua tradicional pode atravessar o processo cotidiano, os diálogos, as rupturas hegemônicas da produção científica. Mas se quiser entrar na validação formal da ciência produzida, deve obrigatoriamente ser na língua inglesa. Os atravessamentos nos processos de formação de sujeitos podem ultrapassar as bases hegemônicas da linguagem, mas a produção só é válida ao se manter nesse padrão da língua inglesa.

Assim, pode-se compreender que a linguagem é a etapa essencial da formação do sujeito e da possibilidade da fabricação do conhecimento. É através dela que se estrutura a experiência que constitui o sujeito. É parte fundamental do processo formativo cultural, envolvendo diferentes aspectos presentes por essa experiência acadêmica formativa específica.

O inglês, os termos, a estrutura de um artigo, a sua inacessibilidade, a linguagem constrói a experiência formativa como um todo. E principalmente, as questões epistemológicas da ciência, que não atravessam momentos de questionamento e reflexão, que possibilitam esse afastamento, esse isolamento diretivo da ciência. Isso tudo, para um intelectual em formação, é dado como natural, comum e como única forma de seguir cientificamente. Desse modo, o processo formativo na pós-graduação atravessa uma conceituação necessária de afastamento, que desse modo, a produção científica atravessaria a trajetória de validação e poderia desse modo acessar o espaço do conhecimento estipulado verdadeiro.

É porque desejamos afastar a massa irascível que precisamos de um mundo totalmente exterior – embora acessível! – e é com vistas a esse objetivo impossível que chegamos à invenção extraordinária de um cérebro extirpado, isolado de tudo o mais, lutando pela verdade absoluta sem, infelizmente, alcançá-la. [...] Por trás da fria pergunta epistemológica – podem nossas representações captar com alguma certeza os traços estáveis do mundo exterior? – jaz uma segunda e mais cadente ansiedade: podemos achar um modo de afastar o povo? Em contrapartida, por trás de qualquer definição do “social” existe a mesma preocupação: ainda conseguiremos utilizar a realidade objetiva para calar as inúmeras bocas da multidão? (Latour, 2017, p. 27).

Essa questão abordada por Latour sobre a perspectiva da separação e afastamento da ciência em sua produção é importante quando pensamos de forma generalizada a formação do intelectual acadêmico. É uma questão que atravessa a idealização da produção científica e, conseqüentemente, da função do intelectual. Partedo estabelecimento histórico da ciência moderna e sua episteme como únicas, que também mantêm a idealização do intelectual como esse sujeito isolado, que questiona o mundo sem ser questionado, que escolhe o que questionar, sem a necessidade de ouvir os anseios e as necessidades. Essa questão se apresenta na pós-graduação enquanto processo formativo para a produção científica, atravessando estruturas sociais, históricas, políticas e éticas (Nunes, 2017).

A ciência poderia, aparentemente, trazer tal solução, desde que, e somente sob a condição de que, estivesse livre para formular ela mesma suas perguntas, protegida da urgência e de uma “deformação” considerada inerente ao que seria “contingente” – as preocupações econômicas e sociais. [...] Em suma, o que chamei de questões de interesse é ali caracterizado como “distorção”, enquanto a solução trazida pela “ciência” será entendida como um problema finalmente bem formulado. Assim, os cidadãos têm razão em confiar na ciência, mas precisam saber esperar e entender que os cientistas têm a obrigação de permanecer surdos a seus gritos e pedidos ansiosos. (Stengers, 2023, p. 28)

É importante reforçar que existem elementos de influência que atravessam a pós-graduação sem a intencionalidade daqueles que estão presentes enquanto pós-graduandos. Existe um desejo formativo científico por parte dos docentes universitários na elaboração de conhecimentos válidos, compreensíveis e úteis para a relevância social. Mas os caminhos formativos, que são atravessados diretamente pela questão da linguagem, modulam a episteme do trabalho acadêmico científico para uma questão tradicional do intelectual isolado e afastado, o que não é questionado ou colocado como parte do processo formativo, mas unicamente aceito e dado como natural, orgânico e verdadeiro.

A questão não é compreender o inglês apenas como uma ferramenta possível de utilização por todos de maneira equivalente, e que só expande a discussão científica para âmbitos internacionais. O uso do inglês é parte formativa, um atravessamento cultural. A forma de se compreender o que é científico, o que é válido, o que pode entrar nos parâmetros hierárquicos de discurso verdadeiro atravessa obrigatoriamente a cultura inglesa, as perspectivas desse idioma. Nesse sentido, a produção científica está voltada para a discussão e inserção em uma cultura que se comunica em inglês, criando uma barreira extra de distanciamento entre a universidade e a sociedade brasileira.

Concluindo, a questão do uso do inglês nos espaços científicos acadêmicos, conforme o que observei durante uma pesquisa etnográfica em um grupo de pesquisa de genética, é que ele faz parte de um processo com objetivos próprios. A formação desses sujeitos precisa atravessar uma compreensão de que, para que aquilo que é produzido seja válido e entre no discurso sobre verdade, precisa necessariamente ser em inglês, apresentando formas próprias de uso e de como a linguagem será utilizada. Esse processo forma os sujeitos e influencia o modo como esse conhecimento é produzido, afastando-se diretamente de questões locais, objetivando a ciência como produção universal, reproduzindo discursos epistemológicos problemáticos de uma ciência descorporificada. Nesse sentido, é importante colocarmos a ciência em um parâmetro local, em diálogo direto com a formação dos sujeitos que produzem conhecimento e atuam cientificamente para a formação da sociedade brasileira, contrapondo-se aos interesses e os direcionamentos estadunidenses e dos discursos colonialistas. A desaceleração da ciência necessita que a linguagem utilizada ultrapasse os parâmetros do uso do inglês.

Referências

- ALCADIPANI, Rafael. Periódicos Brasileiros Em inglês: A Mímica Do Publish Or Perish “Global”. **Revista de Administração de Empresas**, 57(4)v. 57, n. 4, p. 405-411, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-759020170410>. Acesso em: 04 nov. 2025
- AMANO, Tatsuya; GONZALÉZ-VARO, Juan; SUTHERLAND, William. Languages Are Still a Major Barrier to Global Science. **PLOS Biology**. Vv. 14, n. 12, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pbio.2000933>. Acesso em: 19 nov. 2025
- BADILLO, Angel. **O português e o espanhol na ciência**: notas para um conhecimento diverso e acessível. Madrid: Organização de Estados Ibero-americanos para a Educação, Ciência e Cultura (OEI)/ Real Instituto Elcano, 2021.
- CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.
- COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES) Coordenação De Aperfeiçoamento De Pessoal De Nível Superior – CAPES. **Relatório de avaliação quadrienal 2017-2020**., Ciências Biológicas 1. Brasília: CAPES, 2021.
- CORRÊA, Guilherme Torres; RIBEIRO, Victoria Maria Brant. Formação pedagógica na pós-graduação stricto sensu em saúde coletiva. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18 n. 6, p. 1647-1656, 2013. DoiDOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000600016>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/G5bxKxpbDtcpNKXvCSVpMqh/?lang=pt>. Acesso em: 12 out. 2025
- FORTES, Rafael. Política científica no Brasil: dilemas em torno da internacionalização e do inglês. **Revista Interfaces Brasil/Canadá**. Vv. 16, n. 1, p. 151-190, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/interfaces.v16i1>. Acesso em: 18 nov. 2025
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 11ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021.
- FREITAS, Maria de Fátima Quintal; SOUZA, Jusamara. Pensar a formação e a pesquisa na pós-graduação stricto sensu. **Dossiê - Formação e(m) pesquisa na pós-graduação: práticas e desafios, Educação em revista**, v. 34, n. 71, p. 9-18, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.62549>. Acesso em: 04 set. 2025
- GARCÍA-DEISTER, Vivette. This is the language of the hegemon, but I need it to talk to you: an introduction to a collection of essays honoring Sandra Harding. **Tapuya: Latin American Science, Technology and Society**, v. 8, n. 1, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/25729861.2025.2581527>. Acesso em: 24 mar. 2026
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 22, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361>. Acesso em: 6 jul. 2026.

HARAWAY, Donna. **A reinvenção da natureza:** símios, ciborgues e mulheres. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2023.

LARROSA, Jorge. **Tremores:** Escritos sobre experiência. 1ª 1. Ediçãoed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LATOUR, Bruno. WOOLGAR, Steve. **A vida de laboratório:** a produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 1997.

LATOUR, Bruno. **A esperança de Pandora:** ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação:** como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. 2ª 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

MEDINA, Leandro Rodriguez. Epistemic Decentralizing: Revisiting Knowledge Asymmetries from the Periphery. *In:* MEDINA, Leandro Rodriguez, ; HARDING, Sandra. (org.). **Decentralizing Knowledges:** Essays on Distributed Agency. Duke University Press, 2025.

NUNES, João Batista Carvalho. Formação para a ética em pesquisa: um olhar para os programas de pós-graduação em Educação. **Educação**, v. 40, n. 2, p. 183-191, 2017. DoiDOI: <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2017.2.26889>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/26889>. Acesso em: 19 nov. 2025

ORTEGA, Andrea Fuentes; ORTEGA, Edith Fuentes; ORTEGA, Elisa Fuentes. Fatores que impedem que as mulheres acadêmicas obtenham pós-graduação. **Cadernos De Pesquisa**, n. 54, e10605, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980531410605>. Acesso em: 04 nov. 2025

RIBEIRO, Joyce Otânia Seixas; LOBATO, Lidia Sarges. Brinquedo de miriti, arte e currículo: alquimia decorrente de experiência etnográfica outra. **Atos de Pesquisa em Educação**, n. 14, v. 3, n. 14, p. 1092–1112, 2019. doiDOI: 10.7867/1809-0354.2019v14n3p1092-1112. Disponível em: <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/8063> Acesso em: 30 out. 2025.

SANTIN, Dirce Maria; VANZ, Samile Andrea de Souza; STUMPF, Ida Regina Chittó. Internacionalização da produção científica em Ciências Biológicas da UFRGS: 2000-2011. **Revista Transinformação**, n. 27, v. 13, n. 27, p. 209-218, 2015. doiDOI: <https://doi.org/10.1590/0103-37862015000300003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/Y8ztZPL7ZWmLCSpxtnNw8rn/?lang=pt>. Acesso em: 16 nov. 2025

STENGERS, Isabelle. **Uma outra ciência é possível:** manifesto por uma desaceleração das ciências. 1ª 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Bazar do Tempo, 2023.

Recebimento: 19/11/ 2025

Avaliação: 24/4/2026

Aceite: 7/7/2026



www.revistabrasileiradeestudoscts.com

Essa publicação é exclusiva da Rev. Bras. Est. CTS.
A tradução e a revisão dos textos submetidos
são de inteira responsabilidade dos autores e co-autores.

Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da
Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.



**Revista Brasileira
de Estudos CTS**

Mantenedora

